MENTES INQUIETAS

OS FILÓSOFOS EM SEUS TEMPOS

Sumário

PREFÁCIO 4
INTRODUÇÃO....7
OS PRÉ-SOCRÁTICOS....18
OS SOFISTAS 44
SÓCRATES, O PAI DA FILOSOFIA 47
PLATÃO E A ACADEMIA 66
ARISTÓTELES E O LICEU....86
HELENISMO.... 119
AS RELIGIÕES ABRAÂMICAS....133
IDADE MÉDIA 145
SANTO AGOSTINHO DE HIPONA E A PATRÍSTICA 149
SÃO TOMÁS DE AQUINO E A ESCOLÁSTICA 186
RENASCIMENTO 241
REFORMA PROTESTANTE 247
NICOLAU MAQUIAVEL, O DIVISOR DE ÁGUAS 252
MICHEL DE MONTAIGNE, O CÉTICO 259
RACIONALISMO X EMPIRISMO....264
FRANCIS BACON E O MÉTODO CIENTÍFICO 267

RENÉ DESCARTES, O PAI DA FILOSOFIA MODERNA 272
THOMAS HOBBES E O LOBO DO HOMEM 282
BLAISE PASCAL, O FILÓSOFO PRODÍGIO 288
BARUCH ESPINOSA E O SEU DEUS.....293
JOHN LOCKE, O PAI DO LIBERALISMO 298
DAVID HUME, O EMPIRISTA POLÊMICO.....303
IMATERIALISMO 309
LEIBNEZ, O POLÍMATA.....311
ILUMINISMO 322
IMMANUEL KANT E A REVOLUÇÃO COPERNICANA 326
SCHELLING, O IDEALISTA.....335
FICHTE E A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE ..342
HEGEL, O FILÓSOFO OTIMISTA 346
UTILITARISMO 351
ARTHUR SCHOPENHAUER, O FILÓSOFO PESSIMISTA 353
PRAGMATISMO 375
SØREN KIERKEGAARD, O EXISTENCIALISTA 377
KARL MARX E A REVOLUÇÃO MARXISTA.....385
POSITIVISMO 402
FRIEDRICH NIETZSCHE E A FILOSOFIA DO MARTELO 405

SIGMUND FREUD, O PAI DA PSICANÁLISE...423
CARL JUNG E A PSICOLOGIA ANALÍTICA.....436
VIKTOR FRANKL E O SENTIDO DA VIDA.....444
FENOMENOLOGIA 459
MARTIN HEIDEGGER, O EXISTENCIALISTA..463
JEAN PAUL SARTRE E O PESO DA LIBERDADE 468
SIMONE DE BEAUVOIR E O FEMINISMO 472
WITTGENSTEIN E A FILOSOFÍA DA LINGUAGEM 478
HANNA ARENDT E A FILOSOFIA POLÍTICA ...482
NEOTOMISMO 487
ERIC VOEGELIN E A ANÁLISE HISTÓRICA-FILOSÓFICA 493
ALBERT CAMUS E O ABSURDO DA VIDA.....503
A ESCOLA DE FRANKFURT 508
MICHEL FOUCAULT E A FUNÇÃO DA SOCIEDADE.....513
FILOSOFIA BRASILEIRA 519
FILOSOFIA ORIENTAL.....535
ENCERRAMENTO 561

PREFÁCIO

Imagine o entusiasmo e a admiração de estar diante das páginas de um livro de filosofia absolutamente interessante e aditivo, escrito por quem já considero um jovem filósofo contemporâneo de apenas 18 anos e esse filósofo ser seu irmão! É uma experiência rara testemunhar a sagacidade e a paixão por conhecimento emanando de alguém tão jovem, alguém que mergulhou de cabeça no vasto oceano da busca pela verdade de tudo que existe. E é uma experiência ainda mais linda ser convidada para escrever seu prefácio, tarefa que me orgulho demais de desempenhar, como irmã de alguém tão inteligente e inquisitivo.

Desde tempos imemoriais, a busca pelo entendimento do mundo e do significado da existência tem sido o motor da reflexão humana. No entanto, é raro encontrar um autor tão jovem capaz de não apenas entender, mas também articular as complexidades do pensamento filosófico de maneira tão clara e acessível.

Ao folhear estas páginas, o leitor é convidado a uma jornada pela história da filosofia, guiado por um autor que demonstra uma incrível familiaridade com os grandes pensadores que moldaram a tapeçaria do pensamento humano. Desde os primórdios da

filosofia na Grécia antiga até as correntes contemporâneas, o autor nos conduz por um passeio intelectual que destaca não apenas as ideias, mas também as vidas e os contextos que deram origem a esses conceitos transformadores.

O que torna este livro particularmente cativante é a capacidade do autor de traduzir conceitos filosóficos complexos em uma linguagem que ressoa com a mente de qualquer leitor, seja ele iniciante no estudo da filosofia ou um erudito ávido por uma revisitação dos fundamentos. Ademais, ele consegue tecer um fio condutor histórico que contextualiza cronologicamente e culturalmente a formação de cada escola de pensamento. A clareza e a simplicidade com que as ideias são apresentadas são um testemunho do dom único do autor para a comunicação filosófica.

Ao longo das páginas, somos apresentados não apenas a teorias abstratas, mas também a reflexões pessoais que revelam a jornada íntima do autor em busca de significado e compreensão. É um convite para contemplar não apenas as ideias dos grandes filósofos, mas também para se engajar na própria busca filosófica, encorajando o leitor a questionar, refletir e explorar o vasto território do pensamento humano.

Este livro não é apenas um guia para as noções básicas da filosofia; é um testemunho inspirador do poder da curiosidade e da mente humana em busca da verdade. Ao mergulhar nestas páginas, prepare-se para uma viagem intelectual que desafia, inspira e, acima de tudo, celebra o espírito inquisitivo que transcende as barreiras do tempo e da idade. Que este livro sirva como um farol para outros jovens pensadores, estimulando o desejo de explorar as profundezas do pensamento filosófico e inspirando uma nova geração a se juntar à nobre tradição da busca pela verdade e pelo significado em meio ao vasto universo da filosofia.

Ana Paula Gaia.

INTRODUÇÃO

O QUE É FILOSOFIA?

Filosofia é uma palavra que vêm do Grego (Φιλοσοφία, philosophia), criada pelo Filósofo e Matemático grego, Pitágoras. Com um nobre significado 'Amor a Sabedoria'' – Filo (Amor) + Sofia (Sabedoria), a filosofia é a investigação das grandes questões da humanidade, podendo-se afirmar que ele é o estudo do todo, do ser e de toda a essência da existência. Entre as principais questões estão:

- Deus Existe?

- Existe vida pós-morte?

- O que é o bem e o mal?

- O que é o belo?

- Como conhecer a verdade?

- Qual o estilo de vida correto?

- Qual o sentido da vida?

- Como viver de forma feliz?

Imannuel Kant, filósofo alemão, afirmou certa vez: ''Ciência é conhecimento organizado, Filosofia é sabedoria organizada''. Mas então a filosofia não

seria uma ciência? Bem, isso é uma questão que é tratada dentro da própria área, e como veremos mais a diante no livro, veremos quais foram os filósofos que trataram abundantemente sobre tal.

Porém, certamente há um fato que podemos esclarecer de início - As ciências particulares investigam cada uma um assunto específico, por exemplo: A química investiga a matéria, a biologia a vida, a física os fenômenos naturais, a psicologia a psique humana, a sociologia a sociedade etc.
Mas, a filosofia, como já dito, investiga toda a existência, por isso tantas pessoas acabam não considerando a filosofia uma ciência, pois ciência é aquilo que depende de observação, hipóteses e experimentos para com base nisso, se chegar a um fato ou a uma teoria, ou seja, ciência é aquilo que depende do método científico.

Mas como pode aplicar o método científico em uma ciência que investiga o todo? Bem, a filosofia também exige observação, a observação de toda a existência, pois a filosofia também é dividida em áreas diferentes, que juntas, forma-se o estudo do Ser. E unindo todas essas áreas, cria-se a filosofia, em que cada área exige um grau de observação, de hipóteses e de princípios da lógica para, assim como na ciência, criar um fato ou uma teoria.

O que seria então um filósofo? Muitas pessoas acreditam que basta estudar a história da filosofia ou se formar na disciplina que isso já te torna um, mas elas não poderiam estar mais enganadas. E isso pode ser facilmente identificado mediante uma simples pergunta: Saber toda a história da música ou da pintura faz você um músico ou um pintor? Evidentemente não, e o mesmo vale para a filosofia. Não é porque tal pessoa é um doutor em filosofia ou que tal pessoa fez vários trabalhos e teses sobre a obra de tal filósofo, que isso faz dessa pessoa tal.

Filósofo é quem cria uma filosofia própria, uma obra filosófica original e que acima de tudo, dentro desta obra tenha-se uma harmonia entre as ideias. Porque muitos pensadores ao longo da história trataram sobre um único assunto ou sobre um único conceito filosófico, mas um filósofo mesmo é aquele que trata sobre uma vasta gama de assuntos e cria-se dentro deles uma filosofia pessoal que faça sentido e tenha coerência e adequação entre as ideias.
Um filósofo trata sobre Deus, Sociedade, Arte, Vida, Morte, Amor, Finalidade da Existência, Direito, Família, Sociedade e muito mais, criando uma harmonia entre todas as suas ideias.

Isso poderia parecer óbvio, mas nem mesmo eu que, escrevendo um livro de filosofia, não me considero, ao menos ainda, um filósofo. Você veja que existem

talentos juvenis em quase todas as áreas. Vemos facilmente prodígios na matemática, música, poesia e esportes, mas nunca vemos isso na filosofia.

E isso acontece justamente porque o ofício do filósofo requer tempo, e é uma jornada que dura a vida inteira. A filosofia, para ser precisa, necessita sempre de um grande acúmulo de experiência de vida, para poder ver um quadro amplo. E mesmo aqueles que estudam filosofia há décadas e já tem uma filosofia própria e coerente, nem mesmo elas acabam por aí, pois ninguém, a não ser Deus, pode ser onisciente. É aquilo que disse Gandalf na Sociedade do Anel: ''muitos que vivem merecem a morte. E alguns que morrem merecem viver. Você pode dar-lhes a vida? Então não seja tão ávido para julgar e condenar alguém a morte. Pois mesmo os muitos sábios não conseguem ver os dois lados''.
Mas o que eu posso esperar de um livro da história da filosofia como este? Bom, nessa obra tratarmos tanto da filosofia ocidental quanto da oriental, focando nas biografias, influências, legado, importância, ideias e frases de cada grande filósofo.

Eu considero esse livro importante tanto para aqueles que desejam iniciar uma vida intelectual quanto para aqueles que já estão na jornada. Tentei me inspirar bastante na ''Vida Intelectual'' do Padre

Sertillagens e na ‘’História da Literatura Ocidental’’ do Otto Maria Carpaeux.

O primeiro se dá pelo fato de nenhum livro em todo mundo incentivar tanto a busca pela verdade quanto o de Sertillanges. E o segundo por ser um dos melhores meios para começar esse estilo de vida, já que a obra de Carpaeux abre espaço para um leque inteiro de livros que são fundamentais para uma vida inteira de estudos.

Dispensar Carpeaux e Sertillanges na vida intelectual é o mesmo que dispensar a Nona Sinfonia e a Divina Comédia na apreciação da alta cultura. Na verdade, o intelectual vive na alta cultura e não quer mais abandoná-la. São Paulo de Tarso diferencia bem a vida cristã da pagã, comparando esta com a escravidão e aquela com a liberdade. E um paralelo pode ser feito com o intelectual. Ele foi, como bem ensinou Platão, aquele que saiu da caverna do caos, da desordem, do confuso, ignorância, miséria e imoralidade, para a beleza, o verdadeiro e o justo.

Nas páginas desse livro tentei o máximo que pude focar no fervor da investigação. Pois a vida intelectual não ocorre só quando se está lendo ou estudando, mas é o nosso próprio estilo de vida. Um intelectual nunca para, seja viajando, assistindo os clássicos do cinema, caminhando em meio à

natureza, apreciando uma bela música ou aonde for, seu estilo de vida jamais o abandona.
Se ele vê um quadro de uma família, ele pensa em todas as gerações que a antecederam e em toda a trajetória sanguínea até chegar nessa determinada foto. Em cada paisagem, vê um cenário artístico. Para cada clima, a composição de um músico. E cada evento do dia a dia, um episódio de algum clássico da literatura.

Nenhum outro modo de vida é tão contínuo quanto o do intelectual, e é por isso que ele nunca sente tédio, pois seu fervor pela busca da verdade e os simbolismos formados pela sua imaginação não param nunca. Se Chesterton diz *''Não existem coisas desinteressantes, apenas pessoas pouco interessadas'',* essa indiferença não existe no intelectual, pois ele sabe que tudo no mundo, mesmo as coisas mais simples, contribuem profundamente para seu desejo de conhecimento.
Igualmente, busquei trazer bastante erudição, pois assim como é impossível ler a obra citada de Carpaeux sem um lápis e um caderno para as anotações, também digo que o ideal para esse livro seria a contínua marcação, pois eu citarei muitos nomes e muitas obras, o que abrirá um quadro amplo para futuros livros que todo intelectual de verdade deve ler.

Em um mundo onde vemos fortemente o ódio e desprezo pelo conhecimento e pelas coisas do intelecto, a leitura deste livro e de qualquer outro livro que nos leve a um grau de erudição é fundamental para não cairmos no abismo da miséria humana que ronda nossa sociedade agora e durante toda a história. Pois se tem uma coisa que todos os filósofos concordam é que devemos fugir da visão de mundo da maioria, pois ela ou é ignorante ou é imoral, ou se não bastasse, os dois.

Pois seria ridículo supormos que o homem tem uma existência estritamente material, e muitos pensadores em toda a história nos alertaram sobre isso. O homem naturalmente busca algo maior que si mesmo para viver, caso contrário, entra em declínio, vive miseravelmente em sentido espiritual.

E esse algo maior pode ser tanto o Bem, o Belo e a Verdade em Platão, Deus para Santo Agostinho de Hipona ou o sentido de cada vida para Viktor Frankl. Enfim, cada um busca esse algo maior, e eu acredito que todos os três estão corretos, mas como nesse livro trataremos da filosofia em específico, isto é, de um conhecimento, deveríamos perguntas não o porquê de se obter conhecimento, mas sim o porquê de ele ser algo superior até a nós mesmos.

Ora, Aristóteles dizia que é natural no homem o desejo de conhecer, mas ele não nos disse o motivo

desse desejo. Nas minhas reflexões, acabei chegando a três conclusões diferentes. Eu creio que ambas são lógicas, e que os graus de nobreza da raiz do desejo se dão do menor para o maior:

Primeiro, a preservação da própria vida, e esse se dá em todos os seres vivos, pois é natural que todos busquem preservar a si mesmos do perigo. Aristóteles dizia que uma das coisas que provam que o homem naturalmente deseja o conhecimento é o fato de quando ele escuta algum barulho, ele imediatamente olha para a origem do som.

Quando li isso, na minha soberba de acreditar que poderia contradizer o próprio Aristóteles, acreditei que essa curiosidade ao olhar em determinada direção, não se daria por um desejo de conhecer, mas sim de um instinto nosso de estar alerta a qualquer sinal de perigo. Ora, quando estamos andando no meio do escuro e ouvimos algum som, nosso movimento imediato é olhar de onde veio, não porque desejamos conhecer por conhecer, mas sim porque queremos nos prevenir de qualquer ameaça. E de fato, eu não estava errado, mas Aristóteles muito menos. Pois esse é um dos motivos desse desejo, que ocorre não só no homem, mas em todo o reino animal. O que se dá exclusivo nos homens se dá no segundo e terceiro.

E o segundo, é o fato de o homem gostar da harmonia natural. Ora, Platão já havia nos mostrado que o homem ama o Belo e se delicia com ele. Por isso, é tão comum vermos alguém se alegrando profundamente com um cenário natural, e para melhorar, com animais o cercando. Quão belo é ver um grupo de golfinhos nadando todos juntos no mar ou os macacos nas árvores pulando de galho em galho, buscando e colhendo frutas.

Quem não se maravilha ao ver um Tucano ou uma Arara em meio à natureza? Pois tudo que nos faz ter essa experiência com a perfeição, com a harmonia existente em todo o mundo, nos faz sentir prazer. Igualmente, quem nunca viu alguém dizer que estuda algo por puro prazer?

O que mais se vê na história são os grandes cientistas e matemáticos que apenas chegaram a tal grau de conhecimento na área, não por desejarem fama, diploma ou dinheiro, mas apenas porque amam estudar tal ciência, apenas porque amam ver a sua beleza.

Uma pessoa de países que não nevam, ao viajaram e verem a neve pela primeira vez se alegram profundamente muito pelo fato de amarem ver a experiência de tocar na neve, de senti-la e de brincar com ela. O homem busca o conhecimento porque ele ama ver a harmonia perfeita que há no mundo,

como que cada coisa é dotada de propriedades que em si forma-se uma ordem própria, perfeita e bela.

Mas o terceiro e mais nobre motivo se dá pelo fato de o homem amar não apenas a harmonia natural, mas também a harmonia espiritual. O homem, como nos mostrou Viktor Frankl, deseja acima de tudo um sentido para sua vida. Ele quer saber o porquê está aqui e o porquê fazer o que faz.

E é justamente por isso que a pergunta sobre o sentido da vida é uma das mais antigas feitas pelo homem. Pois ele quer conhecer as coisas não apenas no sentido físico, mas no sentido metafísico. Conhecer o que está por trás da existência, aquilo que está acima dele próprio, a ordem cósmica e o transcendental.

Nada mexe tanto com o homem quanto essa questão, pois essa Vontade de Sentido, usando a linguagem da Logoterapia, motiva toda sua vida. É por isso que o homem ama o simbolismo e por isso que ele ama as clássicas obras de arte que elevam sua alma até o ponto de conhecerem a Luz da existência.

E nesse sentido, o conhecimento que a história da filosofia traz é o que tange o terceiro motivo. Se Cícero definiu a filosofia como o melhor remédio para a mente, isso se dá pela alma humana

necessitar desse conhecimento tal como o corpo necessita de alimento.

E o alimento espiritual de todo homem é o saber, mas o erro de muitos na história foi acreditar que apenas o intelectual tem essa fome, mas não, ele tem maior grau. E essas pessoas, crendo assim, morreram de fome, isto é, mataram suas almas.

Portanto, desejo a todos que se deliciem na leitura deste livro e experimentem a grandeza que é o prazer intelectual, a qual desejo proporcionar a todos com a leitura desta obra, vamos em frente e ótima leitura!

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

A Filosofia nasceu na Grécia Antiga, particularmente em Mileto (Antiga Pólis Grega que atualmente pertence à Turquia) entre o final do século VII AC e o início do século VI a.C. Aliás, assim como a Índia é o berço do pensamento do Oriente, a Grécia é o berço do Ocidente. Nós devemos quase tudo o que temos hoje aos Gregos, que séculos antes de Cristo já tinham uma cultura vastíssima, não é à toa que foi lá onde surgiu a disciplina História, a Democracia, o Teatro, a Literatura e claro, a Filosofia. Antes de começarmos a falar dos filósofos, precisamos entender o contexto social da época, por isso, trataremos brevemente de entender a história da Grécia Antiga:

Cerca de 2.000 AC (século XX AC), os povos Creto-Micênicos migraram do Oriente para o Ocidente, se instalando no sul da Península Balcânica. Esses povos eram subdivididos em outros povos menores, os mais importantes deles eram os jônios, aqueus e eólios. Durante anos eles viveram na Península, crescendo em população e em território, mantendo fortes relações comerciais com o Mediterrâneo e ainda tinha sua própria escrita que era baseada em sílabas. As principais cidades habitadas pelos Creto-Micênicos eram Tróia, Micenas e Cnossos,

Porém, em 1.200 AC, os Dórios (Povo Indo-Europeu conhecidos pela sua violência, alta militarização e por terem sido os ancestrais dos Espartanos) invadiram os territórios dos Creto-Micênicos. A invasão dos Dórios fez os Creto-Micênicos fugirem de suas cidades e a maioria se refugiou nas montanhas, gerando um processo de ruralização. Foi assim que surgiram os ''Genos'' (Pequenas comunidades lideradas por um Patriarca que recebia o nome de ''Patêr).

Sendo assim, o poder era passado de pai para filho, sendo sempre o filho do Patriarca o próximo ''Patêr''. Foi nesse período que viveu Homero, considero um dos maiores e mais importantes escritores da história da Literatura, cujas obras magnas são: Odisseia e Ilíada.

Porém, nesse período, a população voltou a crescer, fazendo com que cada Geno se expandisse e buscasse novas terras para ocupar. Isso gerou uma aliança entre as famílias que lideravam cada Geno. A aproximação entre os Genos gerou as Fátrias, uma união para combater inimigos comuns.

A união das Fátrias resultou na formação de tribos, submetidas a um chefe militar conhecido como Filobasileu. Apesar de cada tribo ter seu líder, eram determinadas famílias que concentravam o poder, por isso, também eram consideradas Oligarquias, já que a Oligarquia é o tipo de governo que a minoria

governa, geralmente sendo os mais ricos e poderosos.
Chegou-se então um período que a escassez de terras férteis ficou muito grande, gerando uma disputa por ocupação de terras boas. Basicamente então, os donos das terras eram chamados de ''Eupátridas'' e aqueles que não possuíam terras, trabalhavam para os Eupátridas e assim ganhavam bens em troca dos serviços. Porém, os servos que acabavam ficando endividados com os Eupátridas, se tornavam seus escravos. Foi assim que surgiu a escravidão por dívida.

Por volta do ano 700 AC (Século XII AC), os líderes de cada tribo decidiram expandir seus territórios por conta do aumento populacional, fazendo eles se expandiram pelos mares Jônico e Egeu, e se estabeleceram no sul da Península Itálica. Podemos dizer então que foi aqui que se iniciou a nação Grécia.

Temos que lembrar apenas uma coisa antes, apesar da Grécia ser um único país, ele era dividido em várias ''Pólis'' também chamadas de Cidade-Estado. As polis, apesar de pertencerem ao mesmo país, são cidades independentes e com seus próprios governos. Então, por exemplo, as duas polis mais famosas da Grécia foram Atenas e Esparta, e apesar

das duas pertencerem ao mesmo país, cada uma tinha sua própria forma de governo e educação.

Essa divisão de polis se deu por dois motivos:

1) A Grécia se originou da migração de várias tribos diferentes para o mesmo território. E como cada tribo tinha sua própria cultura e costumes, as cidades ocupadas por cada uma haviam de se tornar independentes como as tribos também eram entre si.

2) Mesmo que não houvesse essa divisão de tribos, a própria região da Grécia era muito montanhosa e muitos territórios do país eram separados entre si por conta dessas montanhas, o que dificultaria o acesso entre as cidades se elas fossem todas dependentes uma da outra.

Entre as polis Gregas, havia Mileto, que foi onde surgiu a filosofia. Mas nós veremos mais para frente que a maior parte dos filósofos Gregos eram de Atenas. Mas o que importa realmente aqui é entendermos o porquê a Filosofia ter sido algo exclusivo da Grécia, na qual se dá por vários motivos.

Primeiramente, muitos cometem o erro de atribuírem a origem da Filosofia em outras civilizações como a Índia, China ou Egito, mas isso é falácia. O que se vê nos países citados são fragmentos de sabedoria de vida que estão

estritamente ligados com a religião de cada povo. Por exemplo, muitos sábios Hindus anteriores aos Gregos falavam muito da presença divina em todas as partes do mundo e do estado de ausência de sofrimento, também chamado de Iluminação.
Ou na China que muito se falava da ordem natural do mundo, o famoso Tao. Agora, no Egito, o que se vê mais é algo próximo à filosofia natural, mas os Egípcios buscavam compreender o mundo não tendo o conhecimento por si como finalidade, mas sim para usar esse conhecimento como um meio, e isso não pode ser considerado filosofia.
Um dos fatores que muito influenciou para a origem da Filosofia na Grécia foi a Mitologia. Sim, muitos fazem uma leitura errada da história da filosofia de acreditarem que a filosofia nasceu da ruptura com o mito para o questionamento racional do mundo, mas isso está errado. Foi justamente a existência do mito Grego que fez com a que a Filosofia nascesse. Pois o mito nada mais é do que uma história que conta uma grande verdade.

A Mitologia Grega tinha, de fato, muitos erros Metafísicos, mas o que interessa aqui não é a sua Metafísica, pois isso é o campo da Filosofia, o que interessa no Mito é a verdade por trás das coisas que ele está nos contando. O Mito inspirou toda a cultura dos Gregos por séculos, e até hoje as histórias de heroísmo de tais personagens servem de base para

a narrativa das histórias heroicas de hoje. A figura do herói não é algo do século XX como pensam alguns, mas tudo que o homem usou para se inspirar como uma figura de alta virtude são os heróis, sejam pais, personalidades ou personagens.
Os heróis do Mito Grego inspiravam os Gregos como as figuras de alta moralidade, cuja vida é um modelo, e as histórias desses heróis serviam para contar lições de moral para eles. De fato, Batman e Homem Aranha só existem hoje porque um dia existiram Aquiles e Hércules.

Então, a Filosofia e a Mitologia contam a mesma verdade, mas a Mitologia é por histórias, e a Filosofia é de forma abstrata e reflexiva. Pois as mesmas lições de moral contadas no Mito são descritas na Filosofia pelo ramo da Ética. Uma prova disso é que grandes poetas da Grécia Antiga como Homero, Hesíodo e Sófocles são considerados precursores da Filosofia. Porque seus contos continham ideias existenciais que serviram de base para filósofos futuros e muitos até vieram a conservar as mesmas ideias. Mas por outro lado, a Filosofia não se restringe apenas à Ética, e aí que entraremos na outra razão da origem da mesma ser grega.

Nós vimos que a Filosofia e a Mitologia não se separam, pois ambas contam a mesma verdade por meios diferentes. Porém, os mitos podem estar

corretos em Moral, mas falsos em outros campos, como a Metafísica ou Física. Por exemplo, a história de que Prometeu roubou o fogo dos Deuses e o trouxe aos homens, sendo essa a origem do fogo. Ela é grandiosa por nos ensinar a virtude da coragem. Prometeu foi ousado em roubar o fogo de seres muito mais poderosos que ele em favor da humanidade, pois graças a ele o homem conquistou as artes e as ciências. Porém, todos nós sabemos que ela é falsa, pois todos nós sabemos que essa não é a origem do fogo.

Igualmente, a existência dos Deuses na mitologia Grega servia, acima de tudo, para explicar fenômenos naturais, por exemplo, Zeus como manifestação dos raios, Poseidon como a manifestação dos mares, Hades como manifestação da morte, Héstia como manifestação do fogo, Afrodite como manifestação do amor etc. Desse jeito, os Deuses Gregos eram apenas metáforas para explicar os fenômenos da natureza, mas que se transformaram na religião pública da Grécia. Aliás, devemos deixar claro aqui que os Deuses Gregos não têm nada a ver com o Deus Cristão.

A única diferença entre os Deuses da Mitologia para os seres humanos, é que os Deuses eram muito mais poderosos que os humanos, mas na essência, eles eram o mesmo, pois tanto os Deuses quanto os homens tinham paixões que os faziam serem falhos

e limitados. O Deus Cristão, por outro lado, é o sentido da vida por excelência, a essência de toda a existência, e diferente dos homens, ele é perfeito, incorpóreo, infinito, onisciente, onipotente e o sumo bem.

Além disso, os próprios Deuses Gregos pareciam ser submissos a algo maior que eles. E por conta disso, existia uma separação da religião pública e a religião particular na Grécia. A religião pública era o culto aos Deuses, que era obrigatório a todos. Mas a religião particular era o culto próprio de cada um, no qual cada um tinha o seu. É por isso que quando São Paulo de Tarso vai à Grécia para evangelizar, ele diz que os Gregos adoravam a um Deus desconhecido e que ele veio trazer a eles esse Deus, como está em Atos dos Apóstolos 17:23.

É por isso que os três maiores filósofos Gregos, Sócrates, Platão e Aristóteles, acreditavam e um único Deus. Em outras palavras, monoteístas.

Por isso, diferente do que esses modernos pensam, nenhum dos três nunca se preocupou em fazer uma revolução ou nem mesmo uma ruptura com a mitologia Grega. De fato, como todos os gregos, eles eram obrigados a prestar culto aos mesmos, mesmo que eles acreditassem em um único Deus.

Mas eles nunca quiseram quebrar o laço com o mito pois eles o amavam. Sim, todos os três foram

profundamente influenciados pela mitologia grega, não é à toa que em suas obras tantas vezes foram citados os nomes dos poetas acima citados, e tantas vezes foram citados nomes dos Deuses Gregos.
Sócrates, Platão e Aristóteles não viam tais Deuses como reais concretamente, mas reais mentalmente, pois mesmo que eles não existissem no mundo real e muito menos fossem verdadeiras divindades, eles existiam como metáforas, pois é impossível negar que Aquiles, Hércules e Prometeu existiram, já que a existências deles nos Mitos tanto influenciou a história, e ele pode-se falar de todo os Deuses Gregos.

Portanto, o outro fator a que me referia para a origem da filosofia ser grega, é justamente a curiosidade dos Gregos de buscarem entender o que existia por trás da existência, e o que era essa tal coisa que até mesmo os Deuses nos mitos pareciam serem submissos. A vontade dos Gregos de buscarem entender essa força que existia por trás da natureza, esse princípio existencial, foi um fator definitivo para a origem.

Enquanto os Chineses e Indianos tinham uma sabedoria própria que decorriam de sua religião, e os Egípcios buscavam compreender o mundo natural pela matemática e astronomia, os Gregos buscavam compreender o que existia por trás de

todas as coisas e acima de todas as coisas, acima até mesmo dos Deuses de seus mitos.

Assim, a influência das lições de moral dos mitos e a vontade dos Gregos de entenderem o mundo graças também aos mitos, foram os principais fatores para a origem da Filosofia. Ou seja, podemos afirmar que a Filosofia nasce para explicar a mitologia de outro ângulo e de explicar o que está por trás dela. Então, a Filosofia só existe por conta do Mito.

Como vimos na introdução, cada ciência tem seu objeto, mas a Filosofia tem o objeto mais superior, por buscar compreender a essência de toda a existência. Desse jeito, ela busca compreender a Verdade por trás de todas as outras Verdades. Platão afirmou que toda a existência tem três grandes bases: A Verdade, o Bem e o Belo, que são três fatores Metafísicos que tornam toda a existência tal como ela é, e são essas três coisas que todos os homens amam e desejam. Também afirmou que são esses três fatores que nos levam a Deus, que é o próprio bem, verdade e belo supremo. Por conta disso, Aristóteles dividiu a filosofia cinco ramos, baseado na ideia de Platão citada acima:

Física e Metafísica (Verdade) – A Física para Aristóteles não é necessariamente a ciência dos fenômenos naturais, mas sim a filosofia dos princípios da natureza, também chamada de

''Filosofia Natural''. Já a Metafísica é a filosofia dos princípios da existência. Ou seja, enquanto a Física é o estudo dos princípios do mundo natural e material, a Metafísica é o estudo dos princípios da realidade como um todo, ou seja, o princípio imaterial e espiritual. E ambas, apesar de serem ramos diferentes, tem a Verdade das Verdades como objeto, porém uma é a Verdade Material, e a outra é a Verdade Espiritual.

Ética/Política (Bem) – A Ética e a Política, para Aristóteles, são o mesmo ramo, pois ele acreditava que era impossível ser um bom governante sem Moralidade, e desse jeito, o Bem é o objeto tanto da Ética quanto da Política, que são o mesmo ramo.

Estética (Belo) – Esse ramo tem o Belo como objeto, mas muitas vezes também se mostra como o estudo da Filosofia das Artes, pois muitos filósofos defenderam que a Arte tem a função última de manifestar o Belo.

Epistemologia – Para se entender como o filósofo deve chegar ao conhecimento da Verdade, do Bem e do Belo, é preciso entender como o ser humano chega a qualquer conhecimento, e essa é a função da Epistemologia, que busca entender o processo do conhecimento.

Aristóteles também definiu o que era necessário para filosofar, que para ele, era necessário ter o domínio e uso da lógica, dialética e gramática. Na idade Média, as universidades usaram isso como base para definir o Trivium e o Quadrivium.

Bem, agora que já tratamos da história da Grécia, da sociedade Ateniense e da relação dos mitos com a filosofia, é preciso saber que os primeiros filósofos trataram apenas da Física, ou filosofia natural. Pois é natural uma sociedade daquela época, ao buscar compreender a essência da existência, ter o primeiro objeto a se analisar, o próprio mundo natural, e por isso, alguns filósofos pré-socráticos, consideraram o princípio da existência como algo material e finito.
Isso mais para frente viria a ser corrigido por filósofos como Platão e Aristóteles. Foi só com Sócrates que vieram a surgir os outros ramos citados, e por isso nós dividimos a história da filosofia como período pré-socrático e pós-socrático. Mas agora nós definitivamente veremos os primeiros filósofos da história, os principais pré-socráticos:

Tales de Mileto (624 AC – 558 AC)- Considerado o primeiro filósofo da história, Tales de Mileto, além de Filósofo, era também Matemático, Físico, Astrônomo, Engenheiro e Comerciante. Tales, como

um contemplativo da natureza por excelência, muito tempo passou observando as causas e efeitos dela. E por isso, buscando compreender o princípio por trás de todas as coisas, ele chega à conclusão que se trataria da água.

Hoje isso pode parecer algo cômico, mas não o julguemos tão rapidamente. Primeiramente, devemos entender o que é princípio, que é definido por Aristóteles como aquilo quede todas as coisas provêm, de modo que tudo faz parte dessa primeira causa pelo fato de tudo ser revestido pela mesma e por tudo ter semelhanças com esse princípio, que é superior a tudo.

Ora, a conclusão de Tales é puramente filosófica, pois ele observou que o que dá vida a todos as criaturas é justamente a água, pois sem água, é impossível haver vida. Tales mostra que todos os seres vivos têm a característica da umidade, que faz com que os seres vivos tenham uma vitalidade muito maior que as coisas inanimadas. Ou seja, para Tales, a água não é necessariamente o líquido como imaginamos, mas sim essa aquosidade que gera todas as coisas, animadas ou não, e dá aos vivos esse princípio vital que os faz ter o dom da vida.

Portanto, a água, para Tales, era o elemento superior e definidor de todas as coisas. Com a água o mundo começa e com a água o mundo acaba. Para ele,

todas as outras coisas que existem no mundo, são apenas manifestações inferiores da água, e tudo seria revestido por ela e dependeria dela.
O interessante disso tudo é que Tales nos mostra o ciclo perfeito que há nas coisas, pois a filosofia nasce da mitologia e a ciência nasce da filosofia. Ora, a filosofia de Tales só nasceu por conta da influência do mito, e por si, as ciências naturais nasceram também muito por influência de Tales, que trouxe muitas descobertas que seriam cruciais para o desenvolvimento delas.
Apesar de tudo, Tales, por estar no início da filosofia, ainda estava muito ligado ao discurso do mito, e por isso, ao tentar descobrir o que era esse princípio que estaria por trás e acima de todas as coisas, até mesmo dos deuses, ele tenha mirado em algo material. Pois essa divisão entre a matéria e o espírito, que seria crucial na Metafísica, ainda não havia sido descoberta.

Anaximandro de Mileto (610 AC – 547 AC) – Apesar de ser discípulo de Tales, ao contrário de seu mestre, Anaximandro defendia que a água não poderia ser a origem de tudo. Sua visão estava concentrada no fato de que tudo que é matéria, é limitado por uma forma.

Desse jeito, podemos dizer que esse livro começa onde você, leitor, acaba. E podemos dizer que você

começa onde o ar acaba, e que o ar acaba onde outra coisa começa, e assim se sucede infinitamente. Porém aqui caímos em um erro filosófico, pois Anaximandro foi o primeiro a descobrir que nada pode se suceder ao infinito, e, portanto, a matéria, sendo finita, depende necessariamente de algo que a sustente, e esse algo, para Anaximandro, seria o elemento imaterial.

Anaximandro tinha a visão que o princípio por trás de todas as coisas não poderia ser algo material, mas sim o que ele chamou de ''elemento indefinido''. Tal elemento seria indescritível, pois tudo que é dado uma descrição, torna-se limitado. Logo, tal elemento, sendo infinito, imutável e eterno, não caberia uma descrição perfeita.
Podemos dizer que Anaximandro foi o aprendiz que superou o mestre, pois Tales, sendo o gênio incontestável que era e tendo o mérito de ser o primeiro filósofo por excelência, ainda estava preso ao material, e foi Anaximandro quem desvinculou a filosofia disso.

Agora, nós sabemos que o mundo é organizado com leis que o tornam tal como ele é. Porém, essas leis não poderiam existir por si mesmas, mas necessitam de um princípio. Ora, como vimos que o princípio de todo o universo deve ser o elemento imaterial, deveríamos supor que foi dele que surgiram as leis?

Anaximandro explica que o princípio intelectual gerou todas as coisas, mas que essa harmonia que há no mundo ocorre devido a um conflito de opostos. Ora, como tudo no universo tem uma dualidade, a harmonia surge dessa disputa de lados contrários. Assim, o dia só existe porque há a noite, a luz porque há a escuridão, a saúde porque há a doença e assim vai.

Anaxímenes de Mileto (588 AC- 524 AC) – E para encerrar a escola jônica, temos agora o discípulo de Anaximandro, Anaxímenes, que também se separou da visão de seu mestre. Podemos dizer facilmente que foi com Anaxímenes que a filosofia chegou no seu patamar até então, pois se Tales ainda estava muito ligado ao mito, e se Anaximandro foi quem evoluiu isso, Anaxímenes elevou tudo isso para muito além, e, portanto, foi com ele que a filosofia se tornou algo realmente diferente da mitologia.
Para Anaxímenes, o princípio de tudo é o ar. Diante disso, podemos imaginar que ele retrocedeu, pois ele voltou a classificar como algo material, mas não, é o contrário.

Anaxímenes via que o ar era incorpóreo, portanto, por si seria superior a todos os outros. Pois a água e a terra são concretas, e o fogo podemos ver, mas o ar seria o único que não vemos nem tocamos, apenas o sentimos. Ele via que o elemento primeiro

deveria ser uma substância que, não só daria origem a todas as coisas, mas também seria o motor delas.
Pois assim como Anaximandro tentou explicar a harmonia universal, porém, não atribuindo muito importância ao elemento imaterial, Anaxímenes também explicou tal harmonia, porém, dando total valor ao primeiro elemento.
Ele nos mostra que o ar mantém todas as coisas juntas e que o sopro modifica os objetos do mundo, e que esse refluxo de ar seria necessário para o mundo existir. E assim, mostramos a evolução gradativa da escola jônica: Tales era o princípio, Anaximandro a sustentação e Anaxímenes a providência

Pitágoras (582 AC - 497 AC) – Mundialmente conhecido por ter criado o teorema de Pitágoras, sua importância para a Filosofia é tão grande quanto sua importância para a Matemática e para a Música. Pitágoras foi o fundador da escola Pitagórica, uma escola de pensamento baseada na Matemática.

Uma escola filosófica é um grupo de pensadores com ideias semelhantes e que formam uma linha de pensamento. Um desses casos foram os Pitagóricos. Porém, essa escola tinha uma peculiaridade dentre as demais. Pois os Pitagóricos não eram apenas um grupo filosófico, eles eram uma sociedade própria.

Os Pitagóricos eram uma mistura de linha filosófica com ordem religiosa. Eles defendiam a reencarnação das almas, seguiam uma vida ascética e buscavam o cultivo das virtudes. Aliás, as virtudes necessárias para ser um pitagórico eram a coragem, inteligência e amor ao próximo.

Ademais, como Pitágoras defendia que a alma é a essência do homem, toda a filosofia pitagórica estava centrada no desenvolvimento da alma humana, especialmente com as virtudes morais e intelectuais.

E ele defendia que o caminho mais seguro para a evolução dessa alma era o conhecimento matemático, pois o tema dos números regia toda a filosofia de Pitágoras, por defender que eles seriam as categorias mais elevadas do Ser.

Pitágoras defendia que os números não são invenções humanas e nem servem apenas para contar coisas, os números para ele estabelecem toda a estrutura do universo, e cada número teria sua função e importância.

Para ele, por definição, o número primeiro e causador de todos os outros seria o Um, pois como todo o universo é como um só, para existir qualquer coisa, é necessário que exista o Um. Pois tudo que

existe, é uma unidade, que por sua vez, é a lei do número um.

Eles diziam que todo o universo é como uma grande sinfonia que não pode ser ouvida pelos homens, e que como toda música, é condicionada por uma ordem, isto é, os números. E para eles, o Um seria como a nota base da música, porá definir como uma grande unidade cheia de diversidade.

Assim, ele diz que o foco da sua filosofia devia ser o conhecimento metafísico por trás da matemática, na qual ele dizia ser a mais elevada dentre todas as ciências, e ele nos mostra os exemplos para confirmar sua tese.

Ora, quando pegamos um objeto em particular, por exemplo, uma maçã, ela não é infinita, caso contrário, tudo seria uma coisa só, no caso, uma maçã. A forma que a maçã possui é que estabelece um limite entre o que é maçã e o que não é, e esse limite, essa forma, para Pitágoras, era estabelecida pelos números, particularmente, pelas formas geométricas. E por isso, a responsabilidade do universo ser tal como ele é, pertence acima de tudo aos números, determinadores de toda a existência.

Por isso, ele afirmava que os números não são apenas abstrações de quantidades, mas na verdade, os números são tudo. Assim sendo, as formas

geométricas tornam-se mais elevadas que o sensorial para os Pitagóricos, e essa ideia viria a ser fundamental para Platão desenvolver a sua filosofia no futuro.

Pitágoras e seus discípulos de diferenciaram dos jônicos por atribuírem o princípio e ordenador do mundo, não um elemento natural, mas os números, como se eles fossem ''elementos ontológicos''.

Heráclito (540 AC- 470 AC) – Defensor da ideia de que a melhor maneira de descrever a vida é ''Movimento'', Heráclito afirmava que tudo no universo está em constante mudança e absolutamente nada permanece para sempre o mesmo.

Ele descreveu isso com sua famosa frase ''Tudo Flui'' e com seu famoso exemplo de que ninguém pula duas vezes no mesmo rio, alegando que quando alguém pula em um rio, tanto o rio quanto a pessoa mudam, eles não são mais os mesmos de antes. Por isso ele é considerado o fundador da filosofia do movimento, por ter sido o primeiro a descrever as constantes mudanças que ocorrem na natureza e a demonstrar a importância desse assunto para a filosofia.

Porém, como Heráclito ensina que tudo na realidade é mutável, ele também diz que tudo que existe,

acaba existindo dentro de algo. E assim, por mais que todas as coisas estejam sempre mudando, todas elas permanecem dentro de uma unidade que não muda nunca, isto é, a realidade por excelência.

E foi justamente por essa ideia de constante mudança no mundo que Heráclito quis mostrar que tudo estava sempre mudando para seu oposto, mas que apenas o Ser, isto é, a realidade uma, permaneceria inalterável. E com isso, ele chegou à conclusão de que o Ser seria bom e mal ao mesmo tempo, pois nele há sempre uma mudança do bem para o mal e do mal para o bem.
Então assim, Heráclito diz que a saúde seria boa e ruim ao mesmo tempo. Boa porque nos proporciona a sensação de bem-estar, mas má, pois só pode podemos conhecer a doença porque existe a saúde.

E diante dessa dualidade no mundo, Heráclito vai defender um estado humano que supera esse conflito de bem e mal. Segundo Heráclito, o homem pode, pela razão reta, elevar-se acima de toda a realidade, superando as condições tanto de bem quanto de mal e se aproximando do Uno, isto é, do Ser, já que ele está acima de todas as coisas. E Heráclito, para isso, defendeu virtudes e práticas ascéticas, como o silêncio, jejum, castidade e meditação, pois com tudo isso, o home alcança o

estado superior, que é como a santidade no catolicismo ou como o nirvana no budismo.

Por último, ele também é considerado o pai da dialética: A dialética é um método filosófico que pretende chegar à verdade por meio de duas ideias contrárias, fazendo com que a ideia mais lógica seja apontada como a verdadeira.

Parmênides (510 AC – 445 AC.) – Ao contrário de Heráclito, Parmênides foi o defensor da imutabilidade das coisas, ou seja, a ideia de que tudo permanece o que é sempre. Ele demonstra que apesar de nosso corpo e aparência mudarem ao longo da vida, nós nunca deixamos de ser aquilo que nós somos: Um ser humano.

Daí vem sua famosa frase: O ser ou é ou não é. Um ser humano é o que ele é, ele não pode ser um humano e uma tartaruga ao mesmo tempo, já que Ada um tem propriedades diferentes. Pois nada pode mudar para muito diferente do que se é, pois a tal mudança que acreditamos ver em tudo ocorre apenas no exterior, porque no interior, a nossa essência nunca muda, nosso ser tem a mesma finalidade desde o momento em que nascemos até o que morremos.

Ele também defendia o uso da Razão como o único meio de se chegar até a verdade, pois ele dizia que

nossos sentidos são falhos e limitados, pois se formos confiar nos sentidos, vamos cair no erro que Heráclito caiu de acreditar que tudo sempre muda e nada permanece o que é. Enquanto a razão é precisa e vai além do sensorial e material, por isso ela é a fonte mais confiável, e não os sentidos.

Zenão de Eléia (490 AC — 430 AC) – Discípulo de Parmênides, o filósofo e cientista político Zenão de Eléia ficou conhecido na filosofia por ser um dos principais defensores da imutabilidade dos seres, confirmando as teses de seu mestre, Parmênides, e contrariando as teses de Heráclito.

Para isso, ele utilizou-se de vários paradoxos para comprovar suas ideias, entre eles, o mais conhecido: Paradoxo de Aquiles e Tartaruga. Neste paradoxo, o herói da mitologia Grega, Aquiles, enfrenta uma tartaruga em uma corrida. Pelo fato de Aquiles ser muito mais rápido, a tartaruga começaria com uma larga vantagem, vamos supor que ela comece 60 metros na frente.

Quando a corrida começar, Aquiles para alcançar a tartaruga terá que correr todos os 60 metros, mas para correr os 60, terá que correr antes a metade, que é 30. E para alcançar 30, terá que alcançar a outra metade, que é 15. E assim vai sucessivamente até o infinito. Enquanto isso, a tartaruga continuará andando bem lentamente, mas sempre se

locomovendo, tornando a distância ainda mais longa.
Eu sei que você deve estar pensando que Aquiles não só alcançará, mas como também ultrapassará a tartaruga facilmente por ser muito mais rápido. E Zenão sabia disso também, mas o que ele quis demonstrar com esse paradoxo é que nem sempre o que concebemos como realidade, é um fato.

Por exemplo, o movimento natural de nosso intelecto diante de tal paradoxo é acreditar que Aquiles jamais alcançará a tartaruga, mas na realidade, é justamente o contrário que ocorre. Do mesmo modo, nossa apreensão da realidade faz com que nosso intelecto acredite que tudo está em constante mudança, quando na verdade, se formos analisar, veremos que nada pode mudar para algo diferente da sua essência.

Empédocles (495 AC- 430 AC) – Foi um Filósofo, Médico, Dramaturgo e Poeta Grego. Empédocles foi um forte opositor dos filósofos anteriores a ele que se esforçaram para descobrir o elemento que deu origem ao universo.

Para ele, na natureza tudo depende de tudo, e por conta disso, não seria possível existir um único elemento que fosse separado dos demais ao ponto de ser o princípio da existência e que não dependesse de outro para existir.

Mas Empédocles foi o primeiro a enfatizar os quatro principais elementos da natureza: Água, Fogo, Terra e Ar. Sim, a teoria dos famosos quatro elementos naturais foi criada por ele. Empédocles sabia que a natureza era composta por uma vasta gama de elementos, mas ele defendeu que os elementos base são estes já citados, a qual todos os outros são como ramificações. Ele defendia então que o universo não surgiu de um único elemento, mas de quatro.

Anaxágoras (500 AC- 428 AC) – Outro filósofo que rejeitou a ideia de o universo ter se iniciado com um único elemento foi Anaxágoras. Ele defendia que todo o universo é constituído de partes menores, a qual ele chamou de ''Sementes''. Essas sementes, porém, não teriam surgido do acaso e nem se juntado ao acaso, mas sim teriam sido criadas e unificadas por uma inteligência universal que governava tudo, que pode ser entendida como Deus. Para ele, a inteligência universal teria juntado as sementes entre si e assim estabelecendo uma forma para cada ser, para que assim o universo tivesse harmonia e ordem.

Leucipo (500 AC – 420 AC) – O fundador da escola Atomista no Ocidente (Digo no Ocidente, pois no Oriente já existia desde o século VI uma escola filosófica chamada ''Vaisheishika''). Leucipo foi o

mestre de Demócrito e o primeiro pensador ocidental defensor da teoria dos átomos.

Ele afirmava que o mundo é dividido em duas partes: Átomos e Vácuo. Os átomos estariam em tudo que existe, eles seriam as menores partes de cada ser e de cada objeto. Enquanto o vácuo seria o não-ser, a ausência de átomos. Pois Leucipo afirmava que se um corpo é dividido em vários átomos até ele se decompor completamente, precisamos pressupor a existência de um espaço vazio em que os átomos se separam e assim também se juntam, esse espaço seria o vácuo.

Demócrito (460 AC – 370 AC) – Aluno de Leucipo e assim como seu mestre, defensor da teoria Atomista. Ele era conhecido como ''o filósofo que ri'' e foi um verdadeiro erudito, por ter escrito sobre filosofia da natureza, cosmologia, astronomia, política, física e arte. Demócrito defendeu as mesmas ideias de seu mestre, mas ainda foi além, pois ele dizia que até mesmo a alma é composta por átomos, e quando morremos, os átomos de nossa alma se espalham e se agarram a outro corpo, criando-se outra alma.

OS SOFISTAS

Os Sofistas foram um grupo de eruditos Gregos que quebraram com a tradição pré-socrática, já que enquanto os pré-socráticos questionavam sobre natureza e a origem do Universo, os Sofistas, por outro lado, tinham um foco maior em outros assuntos, mas especialmente na Retórica (Arte do Discurso).

Eles ficaram conhecidos por andarem por toda a Grécia e cobrarem pelos seus ensinamentos. E como na época o conhecimento era algo de acesso muito difícil, geralmente apenas as famílias mais ricas conseguiam estudar. Os jovens então que vinham de famílias privilegiadas acabavam tendo aulas com os Sofistas, seja de Ciência, Política, Geografia, Música, Filosofia ou Retórica. Entre os principais Sofistas destacam-se: Protágoras, Górgias, Hípias de Élis, Isócrates, Licofron, Trasímaco e Pródicos.

Uma das principais ideias divulgadas pelos Sofistas, especialmente por Protágoras, foi o Relativismo. Protágoras e outros sofistas afirmavam que o filósofo não deve buscar a verdade em si, pois para eles, a verdade é relativa cada filósofo deveria construir a sua própria verdade.

Para eles, o filósofo não deve ter como principal objetivo buscar e contemplar a verdade, mas sim transformar o mundo. Essa é a verdadeira tarefa de um filósofo para os sofistas. Eles defendiam que o filósofo deve acumular o máximo de conhecimento sobre as ciências em geral, e através desse conhecimento, convencer os outros de que você está certo, para assim, transformar o mundo.

Os Sofistas não pensavam em lógica ou dialética, mas, conhecendo bem as ciências naturais e principalmente a retórica, eles acreditavam que o filósofo deveria usar de todo o conhecimento que tinha para manifestar a sua própria verdade, e assim, aquele que convencesse mais pessoas, seria o detentor da verdade verdadeira. Esse filósofo seria capaz de transformar o mundo para melhor, seria esse o objetivo da filosofia para os Sofistas. Por isso eles valorizavam muito a Retórica, ou seja, a arte do discurso.

Acontece que os Sofistas foram extremamente criticados por um filósofo Ateniense muito conhecido, a qual podemos dizer que foi com este filósofo que a filosofia completa realmente começou.
Esse filósofo foi totalmente contrário aos sofistas e acreditava ser um absurdo dizer que eles faziam filosofia. Para este grande filósofo, era quase um

crime os sofistas acreditarem e defenderem que a verdade é relativa e cada um deve construir a sua. Para ele, o filósofo deve, acima de tudo, amar a verdade como ela é e mostrar aos outros o que é essa verdade.

A verdade, para esse filósofo, existe por si mesma, e ela é absoluta dona de si mesma. Para ele, não existe esse ideal Sofista de construir a própria verdade, muitos menos isso de ''A verdade dos Gregos, a verdade dos Árabes, a verdade dos Indianos''. A verdade não é dona de ninguém, e ela é maior do que todos nós, por isso devemos amá-la e buscá-la. Assim, os filósofos, para ele, não devem convencer os outros por uma verdade falsificada, mas sim fazer os outros contemplarem e amarem a verdade verdadeira. Para esse filósofo, a filosofia não serve para transformar o mundo, mas sim para fazer as pessoas contemplarem a verdade.

Este filósofo, este sábio, este gênio absoluto que transformou para sempre a civilização ocidental e é o grande pai da filosofia, é Sócrates, e nós trataremos sobre ele agora.

SÓCRATES, O PAI DA FILOSOFIA

Sócrates (470 AC – 399 AC) foi um filósofo grego, considerado como o grande Pai da Filosofia. Sócrates mudou para sempre a história do Ocidente, mesmo nunca tendo escrito um único livro em toda sua vida, já que ele acreditava que o verdadeiro ensinamento era o feito oralmente. Ele foi mestre de Platão, crítico fervoroso dos Sofistas e o fundador da filosofia como a conhecemos hoje. Todas as grandes questões da filosofia foram feitas inicialmente por Sócrates, não é à toa que ele é sempre lembrado como um dos maiores pensadores de todos os tempos.

Sua figura é até hoje uma das mais misteriosas e enigmáticas da história, e o seu rosto tornou-se símbolo da sabedoria. Aquilo que colocou Sócrates em destaque foi o seu método, e não tanto as suas doutrinas. Sócrates baseava-se na argumentação, insistindo que só se descobre a verdade pelos constantes questionamentos de tudo que nos cerca. Seu legado reside, sobretudo, na sua convicção inabalável de que mesmo as questões mais abstratas admitem uma análise racional.

Sócrates nasceu em Atenas em 470 AC, seu pai era escultor e sua mãe era parteira. Por vir de uma família pobre, Sócrates não recebeu educação quando criança e ainda durante a juventude teve que lutar na Guerra do Peloponeso (Atenas X Esparta). Acontece que na idade antiga, o trabalho não era visto como é hoje. Pois se hoje nós damos muito mais valor ao trabalhador do que ao ocioso, em Atenas era justamente o contrário. Uma pessoa, em Atenas, que fosse vista trabalhando muito e por muito tempo, era rebaixada ao ridículo, pois o trabalho estava intrinsecamente ligado aos escravos.

Quando adulto, Sócrates acreditava que seguiria carreira de escultor, assim como seu pai, mas tudo mudou quando um amigo de Sócrates foi ao oráculo de Delfos (Lugar que as pessoas iam para tirar dúvidas) para perguntar quem era a pessoa mais sábia de Atenas, ao que o oráculo então respondeu: "Sócrates. Ninguém é mais sábio que Sócrates"

Esse amigo foi correndo contar ao próprio. Mas Sócrates realmente não se achava digno de tal tributo. Ele então resolveu juntar um dinheiro para ter aula com os Sofistas, pois todos em Atenas consideravam os sofistas como os grandes sábios da Grécia.
Mas logo se decepciona por ver neles, não sabedoria, e nem ao menos aspiração à sabedoria.

Os supostos grandes sábios de Atenas conseguiam atrair os olhares das multidões pela sua eloquência na hora de falar, pelos seus ares de sabichões e pela mística ao redor dos mesmos que fizeram muitos os tratarem como filósofos.
A decepção de Sócrates foi profunda ao ver que a ignorância era muito mais forte do que ele pensava. Ele conhecia a maldade e ignorância espalhada por todo o mundo, mas tal como todos os Atenienses, acreditava que existiam as exceções, e tal como todos os outros, Sócrates enxergava nos sofistas os verdadeiros símbolos da sabedoria, e acreditava que eles eram os únicos que estariam imunes à essa ignorância.

Descobriu, porém, estar mais que errado ao ver a sua presunção, de se considerarem como intelectualmente superiores e ao mesmo tempo não terem nenhum compromisso com a verdade. Os sofistas não conheciam a verdade, pois quem conhece a verdade, se preocupa apenas em transmiti-la a quem não conhece, e a única preocupação dos sofistas era de usar o conhecimento geral que possuíam aliada à excelente retórica, para unir as pessoas em alguma causa, cuja finalidade era a modificação do mundo.
Sócrates viu o sábio como um contemplativo da verdade, alguém que está além das coisas efêmeras do mundo, e via que o filósofo é aquele que,

conhecendo a verdade, busca, não transformar o mundo, mas formar pessoas.

Sócrates descobriu sua vocação através de sua mãe. Um dia foi ajudá-la no trabalho de parto, e percebeu que a parteira não faz o bebê nascer, e sim a mãe. A parteira apenas ajuda a mãe dar à luz, e Sócrates logo associou o parto com o surgimento de uma ideia. Ele percebeu que a função do educador não é criar ideias, mas sim fazer as pessoas pensarem por elas próprias. Fazendo com que então, as ideias surgissem. Sócrates enfim descobriu que sua vocação, aquilo que ele nasceu de fato para fazer, seria buscar a verdade, e encontrando-a, transmitir também a todos que a buscam.

A partir daí, Sócrates passou a andar pelas ruas de Atenas e conversar com toda pessoa que ele via pela frente. Ele debatia sobre diferentes assuntos e muitas pessoas se interessavam pelos debates. Porém, muitas igualmente fugiam dos questionamentos e se estressavam com o filósofo.

Sócrates chamou a atenção de muitas pessoas em Atenas, especialmente dos mais jovens, que admiravam muito o grande educador. As ''aulas'' de Sócrates eram todas feitas com diálogos entre os alunos e o mestre. Um dos alunos que ele teve foi Platão, que na época tinha por volta de 30 anos. Os